**DO LAR AO LER:A TRAJETÓRIA DO COLETIVO DE MULHERES EM QUEIMADOS/RJ**

Veronica Cunha PPGEDUC /UFRRJ

Roberta Renoir PPGEDUC/UFRRJ

Resumo: Este trabalho nasce do encontro com um grupo de mulheres negras em alfabetização ou pouco escolarizadas em uma turma da Educação de Jovens e Adultos. O grupo demandou debates sobre problemas sociais existentes no território no qual habitam,em articulação com a leitura e a escrita, agregando mulheres com inúmeras especificidades e,posteriormente, se consolidando como o Coletivo Mulheres do Ler, publicando coletivamente um livro por ano entre 2020 e 2024.  Em um país construído com bases racistas, classistas e sexistas, a formação de quase uma centena de autoras nesse curto, é uma espécie de vingança, parafraseando a escritora Conceição Evaristo. Assim, a nossa perspectiva é observar os fios-escrevivência tecidos por mulheres do coletivo, buscando as percepções que elas tem sobre ensinar a transgredir e formar teias na escrita-vida como possibilidade de transformação social no município de Queimados, rompendo com uma história patriarcal e branca.

Palavras Chaves: escrevivências, mulheres negras,Queimados,periferia

**INTRODUÇÃO**

Conceição Evaristo nos convoca a pensar sobre como se dá o processo em que determinadas mulheres, que nascem e crescem em ambientes não letrados, rompem com o lugar não sonhado e criam espaços de insubordinação. A provocação nos levou ao Coletivo Mulheres do ler e desejamos, a partir do conceito de escrevivência, pensar as produções textuais das sujeitas da educação de jovens e adultos não como apenas a escrita de si, mas como um entrelaçamento das suas vivências com as vivências das irmãs, sejam elas Marias-Nova ou Marias-Velha (EVARISTO, 2017).

O desafio teórico proposto neste trabalho é identificar nos fios-escrevivência das Mulheres do Ler organizadas nos seus livros coletivos, buscando possíveis transformações pessoais e sociais que reverberaram no território no qual habitam as escreviventes, tendo em vista que somos educadoras na região e as nossas escrevivências estão entrelaçadas nesta teia. Adiche (2010) alerta-nos quanto aos males que a sonegação de histórias pode causar. Uma história contada apenas pelo ponto de vista de uma parte da população cria estereótipos, mostra cenários incompletos, rouba memórias. Contudo, podemos resgatar outras histórias que importam.

O Coletivo Mulheres do Ler nasceu a partir de uma turma de alfabetização e letramento de mulheres em Queimados, Baixada Fluminense. A turma recebeu esse nome na discussão em grupo, tendo como ponto de partida o impeachment da presidenta Dilma Rousseff e o pseudoprotagonismo da primeira-dama Marcela Temer, que era chamada de “bela, recatada e do lar”. Do lar passou a ser uma grande provocação e, instigadas por isso, as mulheres começaram a apresentar a necessidade de outros encontros para além dos dois dias de aula acordados. Nasce um encontro mensal que agregou outras mulheres interessadas na discussão e, posteriormente, a partir da entrada de uma moradora do bairro, a professora Giselle Maria, o grupo começou a se identificar como Coletivo Mulheres do Ler, publicando pela primeira vez seus textos em 2020, reunindo 26 mulheres. Nos anos seguintes, outras mulheres foram chegando, outras atividades de assistência às mulheres em situação de vulnerabilidade foram acontecendo e hoje elas são mais de cem mulheres, publicando um livro por ano.

**CAMINHOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS**

Vivemos ainda em uma sociedade pensada e construída a partir da escravização, onde os colonizadores impõem à sua maneira de ser e viver no mundo. A trajetória histórica de negação de direitos na modalidade de Educação de Jovens e Adultos no município de Queimados são, portanto, parte disto. No entanto, as escrevivências narradas no Coletivo Mulheres do Ler são elementos instigadores que estimulam a nossa vontade de conhecer, com maior profundidade o desenvolvimento deste trabalho de leitura e escrita iniciado no território queimadense, tão marcado pela exclusão e achatada entre este processo de povoamento e globalização, devido ao êxodo rural e o inchaço demográfico na cidade do Rio de Janeiro. A impossibilidade de se fixarem na capital fez com que parte dessas pessoas se direcionaram à periferia. O espaço foi marginalizado não só fisicamente, mas em sua produção de conhecimento (TORRES, 2004).

Quando Duarte (2018) fala de escrevivência, caminho da nossa pesquisa, diz que diante das histórias que incomodam, a escrevivência quer justamente provocar a fala e a escrita anunciam e provocar a denúncia. É preciso que a educação libertadora, aquela que se movimenta no sentido de promover a ruptura com um sistema eurocentrado, e promova uma educação como prática de liberdade e possibilidades de engajamento (hooks, 2017).

Desejamos, visitando as escrevivências apresentadas pelas Mulheres do ler, buscar o que dizem sobre racismo, ausência de serviços públicos, feminicídio, aumento de renda, ampliação de escolaridade, dentre outros.

É importante salientarmos que não buscamos uma narrativa redentora, como nos alertam Fishman e Sales (2021). Entretanto, apesar de não apresentarmos a leitura literária e/ou a organização de um coletivo com e pelas escrevivências em uma perspectiva redencionista, não podemos nos furtar a defesa de que com o histórico que temos de silenciamentos entre as mais pobres, sobretudo mulheres, pobres e negras, é desafiador pensar na formação de um coletivo em pleno momento pandêmico, lendo e escrevendo com Evaristo, hooks e, posteriormente, Gonzalez.

É urgente que uma outra História Negra Feminina seja apresentada e que as subalternizadas pela desigualdade mostrem que a educação de jovens e adultos trabalha, sim, com um grupo que sofreu (e sofre) um processo de analfabetização, todavia somos muito mais que isto (SOUZA, 2022).

**RESULTADOS**

O Coletivo Mulheres do Ler apresenta uma proposta de formação diferenciada, organizando uma coordenação colegiada onde a cada ano decidem em grupo que autora negra será estudada e, posteriormente , inspiradora para a escrita dos textos que serão compilados em uma antologia. Os livros são autofinanciados pelas autoras, porém em 2022 o coletivo ganhou o edital Aldir Blanc que possibilitou a impressão e distribuição gratuita, o que mobilizou bastante as mulheres , haja vista a dificuldade da maioridade delas. A importância da escrita negra e feminina e como ela se constrói em uma perspectiva de transgressão, desloca as mulheres negras e pobres do lugar pensado, ou seja, coloca as subalternizadas em um lugar de protagonismo, na centralidade, movendo as estruturas. Para tanto, dialogam com Conceição Evaristo, bell hooks e Lélia Gonzalez, autoras potentes que com suas escrevivências transgressoras nos ajudam na perspectiva de pensar que a literatura negro feminina não é como uma ferramenta. A literatura é a forma de viver, de existir e resistir de muitas mulheres e, para além disso, a produção intelectual delas também provoca a transformação do seu território.

Tornar-se escrevivente, saindo do lugar de subalternidade que a História havia reservado para as suas avós e, consequentemente, para elas também, é o anúncio que já trazemos este trabalho. Para essas mulheres que leem, o encontro com Conceição Evaristo, bell hooks e Lélia Gonzalez é uma explosão de vida . Nesta perspectiva de ‘não desaparecer em meio à dor do racismo e do sexismo’, vamos observando na escrita destas mulheres muitos olhares, muitas lutas e conquistas que nos desencaixotam(NASCIMENTO, 2023).

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As Mulheres do Ler fazem coro com a poeta Elisa Lucinda (2016) quando afirma que todas as nossas lágrimas deveriam virar palavras. A mesma escola que pode ser excludente e cruel, ensina-nos inclusive a língua dos colonizadores e, assim, podemos transgredi-la. Há muitas mestras-lavradoras nas escolas que ainda acreditam nela. Ainda que o racismo esteja aí, na estrutura da sociedade, insistindo em nos golpear todos os dias. Ele não nasceu com ela. Ele não morrerá nela. Estamos aqui para mostrar o quanto é possível subverter a lógica da exclusão e escrever outros fios-linha. A trajetória deste grupo de autoras nesta tese, mostra-nos que precisamos seguir reunindo escrevivências de amor e coragem, a fim de intervirmos na realidade, afirmando-nos como sujeitas cognoscentes, sujeitas do amor, um amor bell hookiano que forma um teia poderosa e transformadora(hooks, 2017).

A escrita envolvendo a autoria literária negro brasileira subverte a ordem e reposiciona as protagonistas. Contam histórias pretas silenciadas da/na educação básica da/na periferia e também na universidade. Fazem nascer novas protagonistas, rompendo a alienação do seu direito de ser, de ser mai É preciso ser tomado por uma esperança, por uma crença de que é possível fazer algo.Não é esperar. É mover-se.(FREIRE, 2005).

A resposta à temerosa provocação da frase “Mulheres belas, recatadas e do LAR trouxe esse aquilombamento e a oportunidade de contar outras histórias que precisam ser contadas.. É um processo que salta para o anúncio de que as mulheres da Baixada podem E VÃO falar a sua palavra, recusando a máscara de Flandres e escrevendo livros. Como nos ensinou Lélia Gonzalez: “Agora o lixo vai falar e numa boa”.(GONZALEZ,2020)

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ADICHE, C. N. O perigo de uma história única. 1 ª edição - São Paulo: Companhia das Letras, 2010. ALVES, Rubem. Caleidoscópio In Ostra feliz não faz pérola. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008. ALMEIDA, S. Racismo Estrutural. São Paula: editora Jandaí, 2020.

.CARNEIRO, S. Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. 1 edição, Rio de Janeiro, Zahar:2023

CUNHA, V; FUMERO, R R S. Escrevendo e transformando mundos. Revista Transversos. Dossiê: O protagonismo das mulheres negras na História dos Brasis. Rio de Janeiro, nº. 20, 2020. pp. 238-245. Disponível em: ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2020.55109.

DUARTE, L.C; Côrtes, C e Pereira, A.R.M (orgs). Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. 2º edição. Belo Horizonte: Idea, 2018 EVARISTO, C. Literatura Negra: Uma Poética da Nossa Afro-brasilidade, Dissertação de Mestrado, PUC/RJ, Departamento de Letras, 1996.

FREIRE. P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à pratica educativa. 4ª edição. Edição. Paz e Terra: São Paulo-SP, 1997.

 \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Educação como prática da Liberdade. 47ª edição. São Paulo Paz e Terra, 2005

GONZALEZ, Lélia e HASENBALG Carlos. Lugar de negro. Rio de Janeiro. Editora Marco Zero. 1982.

GONZALEZ, L. Por um feminismo afro-latino-americano. In: GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2020.0

HOOKS, B. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. 2ª edição. São Paulo: editora WMF, Martins Fontes, 2017.

JESUS, C. M. de. Quarto de Despejo: diário de uma favelada. 10ª edição. São Paulo: Ática, 2018.

LIMA, M. Da invenção do “analfabeto” ao analfabetizado: História , educação de jovens e adultos e população negra in Revista África e Africanidades, Ano XIV - nº 42, Maio 2022 – ISSN: 1983-2354 p. 1- 15http://www.africaeafricanidades.com.br

NASCIMENTO, E. M. A menina encaixotada 1a edição. Rio de Janeiro: Editora Conexão 7, 2023

SALES, S R & FISCHMAN, G. Revista Brasileira de Educação v. 15 n. 43 jan./abr. 2010 disponível em <https://www.apagina.pt/?aba=7&cat=541&doc=13803&mid=2>

SOUZA, J. Ralé Brasileira: Quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

TORRES, G. (org.). Baixada Fluminense: a construção de uma história: sociedade, economia, política. São João de Meriti: IPAHB, 2004, p. 142.